

Marina Carvalho Valladão Mattos

Próxima Parada: Projeto de revista informativa bimestral sobre aspectos culturais de viajantes pelo mundo.

Viçosa – Minas Gerais
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV
2014

Marina Carvalho Valladão Mattos

Próxima Parada: Projeto de revista informativa bimestral sobre aspectos culturais de viajantes pelo mundo.

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva

Viçosa – Minas Gerais
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Próxima Parada: Projeto de revista informativa bimestral sobre aspectos culturais de viajantes pelo mundo*, de autoria da estudante Marina Carvalho Valladão Mattos, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Barbara Cotta Padula
Mestranda em Estudos Linguísticos - UFV

Viçosa, 28 de novembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Procurei por palavras que pudessem demonstrar tamanha gratidão que sinto ao final deste trabalho. O verbo “agradecer” é insuficiente neste momento. O substantivo “obrigada” não satisfaz meu desejo de reconhecimento àqueles que fizeram parte desta meta alcançada. Cada pessoa que cruzou meu caminho durante essa fase foi de extrema importância e fundamental para a conclusão deste trabalho.

Embora o simples agradecimento não seja o suficiente eu deixo registrada a minha enorme gratidão a Deus, me permitindo vivenciar e aprender as melhores virtudes do ser humano. Me guiando nos caminhos para que eu chegasse até Viçosa, mudança difícil no começo, mas com o apoio, confiança e insistência dos meus pais não desisti no início, o que foi a melhor decisão, hoje vejo que a escolha da cidade de Viçosa não foi em vão.

Agradeço aos meus pais Carlos Augusto e Mônica pelas palavras de apoio nos momentos difíceis, pelo incentivo e o pensamento positivo naquelas horas em que parece tudo dar errado. Obrigada por sempre acreditarem em mim, mesmo de longe estarem sempre na torcida, vibrando com as alegrias e conquistas e sempre me ajudando a enxergar o lado bom das coisas, mesmo aquelas mais complicadas. Vocês me mostraram que entre os mais árduos desafios estão as melhores conquistas.

Obrigada a minha irmã Mariela, aquela que através da amizade e companheirismo me desperta tamanho orgulho e sempre é motivo para inspiração. A história de que os irmãos mais novos querem ser iguais aos mais velhos para mim é verdade absoluta, você é espelho pra mim!

A minha avó Odette, que durante os quatro anos de distância se preocupou sempre comigo, me ligando todos os domingos, me mandando doces e quitandas que ajudaram a adoçar a saudade. Ela me enche de sonho, de orgulho, uma utopia de vida eterna ao seu lado.

Agradeço a todos os meus familiares, vocês foram o motivo e a força para me ajudar encarar os quatro anos de distância. Eu sempre tive coragem nos desafios porque tinha a certeza que vocês estavam do outro lado torcendo por mim e sempre estariam ali quando eu voltasse.

Extrema gratidão ao meu orientador Ricardo Duarte. A distância não impediu que o processo de produção deste trabalho fosse impecável. A grande dedicação, visível apoio e orientação deste professor foram fundamentais, foi o grande ponto de referência e confiança.

Este agradecimento merecia um capítulo a parte. Agradeço imensamente a Anderson Raphael, profissional extremamente dedicado e disposto a me ajudar no processo de diagramação. Seu conhecimento e apoio foram a principal base e sustentação para a produção da revista.

Aos que fizeram de minha república um lar, Tatiane, Verônica, Thaís e Raissa, vocês transformaram a amizade em família, tornaram a convivência diária em algo extremamente prazeroso. Obrigada por serem a companhia, o apoio e a minha família de Viçosa.

Falar em família, eu não poderia deixar de agradecer a família que eu escolhi “a dedo”. Paula, Thalita, Patrícia, Verônica, Pedrinho, Andrezza, Afegão e Anna, as melhores lembranças vocês foram os responsáveis, as melhores amizades vieram de vocês, os melhores trabalhos foram com vocês, as melhores risadas vocês me proporcionaram. Podem ter a certeza: vocês são os melhores!

Agradeço ao Ricardo Almeida pelo grande apoio e tamanha paciência para entender que em vários momentos o TCC era o mais importante. Obrigada pela companhia neste último ano de Viçosa, você foi o responsável por fazer dele o melhor e me mostrar o motivo pelo qual eu vim morar nesta cidade.

Não poderia deixar de demonstrar minha gratidão aos professores do curso, especialmente Ernane Rabelo, Mariana Procópio, Kátia Fraga e Henrique Mazzetti com os quais adquiri os melhores e valorosos ensinamentos. Todo o conhecimento que adquiri foi passado por vocês da melhor maneira, com toda a atenção necessária, vocês são os responsáveis pela Jornalista que irei me formar. Aos funcionários do Departamento de Comunicação Social e Labcom, que, sempre foram tão solícitos e prontamente dispostos a ajudar.

Um agradecimento especial a minha segunda família que construí em *Brighton*. Cada pessoa que conheci durante o intercâmbio foi responsável por me ensinar algo, por me mudar e por me melhorar. A minha *hostfamily*, ponto de apoio e referência em um lugar onde tudo era diferente, a cada brasileiro que se dispôs a dar entrevista e ajudar no que possível para a produção do TCC, vocês me fizeram sentir mais orgulho ainda de ser brasileira.

Cada um que cruzou meu caminho não foi em vão, sempre deixou algo, um ensinamento, uma palavra, uma amizade, um apoio ou um simples sorriso. Presentes que foram fundamentais para a realização de um sonho. O resultado é nosso!

RESUMO

A Revista Próxima Parada – Edição BRighton é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Remetendo ao próprio título da revista, ela tem a proposta de apresentar, a cada edição, um local diferente do mundo. A partir de histórias, depoimentos e entrevistas de brasileiros que optaram por viajar ou morar no país escolhido, o leitor será capaz de antecipar conhecimentos acerca da cidade de *Brighton*, conhecer os costumes e a cultura do local. Considerando os altos números referentes a brasileiros que optam por realizar intercâmbio ou morar em outro país, a revista tem o objetivo de trazer explicações e sanar dúvidas acerca dos tipos de programa para viajar.

Palavras-chave: revista; intercâmbio; cultura; viagem; brasileiros; *Brighton*.

ABSTRACT

The Next Stop Magazine - Brighton Edition is an experimental project produced as a final work for the Social Communication Course/Journalism of the Federal University of Viçosa (UFV). Referring to the magazine's title, it has the proposal of presenting to in each edition, a different location in the world. From stories, testimonies and interviews of Brazilians who chosen to travel or live abroad, the reader will be able to advance knowledge about the city Brighton, to know the customs and the place's culture. Considering the high numbers of Brazilians who have choosen to conduct exchanges or live in another country, the magazine aims to bring explanations and answer questions about the types of programs to travel.

Key-words: magazine; exchange; culture; trip; brazilians; Brighton.

SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1- JORNALISMO DE REVISTA	04
1.1 História das revistas	04
1.2 O gênero revista	05
1.3 O jornalista de revistas	07
1.4 O texto das revistas	08
1.5 Revistas e outros meios	09
1.6 Público das revistas	10
1.7 As revistas hoje	11
CAPÍTULO 2- A REVISTA PRÓXIMA PARADA	13
2.1 A Edição BRighton	13
2.1.1 O texto da Edição BRighton	14
2.1.2 Diagramação da Edição BRighton	15
2.1.3 O público da Edição BRighton	17
2.2 Temática – Identidade	17
2.2.1 Evoluções do sujeito	17
2.2.2 Características do sujeito atual	19
2.2.3 Identidade do sujeito	20
CAPÍTULO 3- RELATÓRIO TÉCNICO	23
3.1 Pré-produção	23
3.2 Produção	25
3.3 Pós- produção	30
3.4 Finalização	31
3.5 Descrição do produto	31
3.6 Orçamento	32
3.7 Equipamentos	32
3.8 Cronograma	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
4.1 Considerações teóricas	33
4.2 Considerações pessoais	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	38

1. Introdução

“ O que está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’”. (HALL, 2006, p.18) Como consequência desse complexo de processos e forças estão a facilitação de transporte, de cruzar oceanos e de atingir novos continentes, o que se transformou em tarefa fácil. Como afirma Hall (2006), a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Além das facilidades de locomoção, as oportunidades apresentadas hoje fora do Brasil também cresceram. Consequentemente os números referentes ao índice de brasileiros que optam por estudar e/ou morar fora do país demonstram que as viagens internacionais e intercâmbios se tornam cada vez mais frequentes. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, no ano de 2013 o mundo contava com 2.801.249 brasileiros habitando diferentes países. Seja em função de aprender um novo idioma, aperfeiçoar estudos ou o simples fato de buscar novas oportunidades de vida, o que nos fica claro é que cada vez mais os brasileiros se transformam em migrantes.

Segundo a Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a Universidade conta hoje¹ com 472 estudantes realizando programas de intercâmbio, dos quais 303 são beneficiados pelo programa *Ciência sem Fronteiras* do Governo Federal e demais dos convênios oferecidos pela diretoria. Nota-se a partir do elevado número de estudantes fora e dos convênios oferecidos pela Universidade como a experiência de intercâmbio se tornou uma atividade de significativa importância e procura, justificando a produção de um trabalho de conclusão de curso com conteúdo para esse grande público.

Portanto, este trabalho se constitui na produção de uma revista que objetiva evidenciar migrantes brasileiros que vivem em outro país, suas histórias, depoimentos, ambientação e apresentação da cultura da cidade de *Brighton* (sul da Inglaterra).

Funcionando como uma espécie de guia, o trabalho se destina ainda como forma de orientação para o brasileiro que vive no Brasil, mas que sente vontade de conhecer lugares, povos e culturas, podendo assim encontrar dicas e sanar dúvidas acerca de

¹ Dados apurados em Julho de 2014

intercâmbio.

Considerando o estudo como um projeto experimental, a escolha do gênero revista se deu pelo interesse em conhecer melhor e aprofundar conhecimentos acerca deste meio jornalístico, visto que durante a graduação não houve uma disciplina isolada que me garantisse um estudo específico sobre o tema, que em geral, me desperta grande interesse.

De acordo com Marília Scalzo (2004), “devido à qualidade do papel e da impressão, outro grande diferencial positivo das revistas, principalmente em relação aos jornais, é a sua durabilidade. Revistas duram muito mais.” Portanto, a escolha deste produto ainda se justifica pelo fato de ser uma publicação que terá longa duração, poderá servir como guia, como sugere o tema proposto.

Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas – ou de andar com elas à mostra – para que todos vejam que ele pertence a este ou àquele grupo. Por isso, não se pode nunca esquecer: quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor. (SCALZO, 2004, p.12).

As palavras de Marília Scalzo dão consistência a dois objetivos específicos da escolha, sendo o primeiro o de produzir um material atraente, informativo, detalhado e especialmente útil sobre a cidade de *Brighton* e o intercâmbio (levando em total consideração o meu público-alvo). Além de um objetivo específico de criar uma espécie de memória e recordação, onde eu, mais do que vivenciar de perto toda a produção, pude realizar um sonho pessoal traduzido em imagens e palavras.

Além dos elevados índices de estudantes fora do Brasil, que explicam minha escolha, outra justificativa se encontra no próprio caráter que o jornalismo adquiriu nos últimos anos com a evolução da internet e a facilitação dos meios de comunicação. Aquele profissional jornalista que garantia sua excelência na profissão por ter grande especialização em um ramo, hoje garante seu sucesso profissional por saber trabalhar com todos os departamentos. Podemos chamar de *jornalista multitarefa*, onde quanto menor for a sua especialização maior será a possibilidade de amplo conhecimento. Sendo assim, justifica-se produzir um material que se adéque a esse novo jornalismo, onde todas as etapas de produção de uma revista serão tarefas desempenhadas por apenas uma pessoa.

Porém, sem dúvidas a melhor explicação para a produção deste trabalho se encontra na motivação pessoal. A realização de um intercâmbio para mim é algo com que sonho e almejo há muito tempo, sendo assim, vi nesta viagem o espaço para que eu

conhecesse novas culturas, adquirisse conhecimento e especialmente, a oportunidade de compartilhamento.

A produção de uma revista na qual eu, enquanto repórter estive presente nos ambientes de pesquisa, em contato direto com as fontes foi o grande “gancho” para a transmissão aos leitores brasileiros todo o aprendizado adquirido. Justifica-se assim, como um espaço para o repasse de cultura, contribuição e compartilhamento de todos esses ganhos com os demais, em trazer essa experiência cultural em forma de produto.

1. JORNALISMO DE REVISTA

1.1 História das revistas

Embora as revistas hoje apresentem seu espaço reservado no universo midiático, a trajetória de conquistas e desenvolvimentos deste meio conta com importantes marcos. Apesar de “a história das revistas no Brasil, assim como a da imprensa em qualquer lugar do mundo, confundir-se com a história econômica e industrial do país.” (SCALZO 2004) as revistas foram ganhando seu espaço no contexto comunicacional ao longo dos anos. Esse destaque acontece em razão especialmente de “falhas” e/ou vantagens que foram sendo descobertas em relação aos outros veículos.

A primeira revista que se tem notícia foi publicada em 1663, na Alemanha. Com características que a faziam se assemelhar a um livro, a famosa publicação deu início a história das revistas. Como era uma novidade para a época, na tentativa de não se posicionar de modo atrasado em relação à Alemanha – que já contava com uma inovação no âmbito da comunicação –, outros países se inspiraram em produções semelhantes. Em 1665, surgiu na França o *Journal des Savants*, em 1668, nasce na Itália o *Giornali dei Litterati* e na Inglaterra em 1660, aparece o *Mercurius Librarius* ou *Faithfull Account of all books and Pamphlets*. Porém, estas publicações mantinham o estilo característico literário e o próprio formato dos livros, portanto eram publicações bastante extensas, sendo consideradas revistas apenas por abarcarem textos diferenciados – o que conhecemos hoje como editoriais – e não apenas uma única sequência histórica, como acontece nos livros.

Estas novas publicações pretendiam focar e aprofundar temas, escrever para um público mais específico, interessado em um assunto particular que seria tratado de forma mais detalhada neste meio que surgia. O texto seria mais completo do que os jornais impressos periódicos, porém não chegaria ao nível de complexidade e completude dos livros. Nesse sentido, as revistas da época em questão “deixam clara a missão do novo tipo de publicação que surgia: destinar-se a públicos específicos e aprofundar assuntos – mais que jornais, menos que livros.” (SCALZO, 2004, p. 19). Ao longo do século XX a revista ganhou seu espaço chegando a ser inclusive artigo de moda em alguns países, especialmente nos Estados Unidos e na Europa.

Era uma forma de fazer circular, concentradas, diferentes informações sobre os novos tempos, a nova ciência e as possibilidades que se abriam para uma população que começava a ter acesso ao saber. A revista ocupou assim um espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro). (SCALZO 2004)

Trazendo para o contexto brasileiro, a história das revistas se aproxima com o desenvolvimento do país, já o seu formato se aproxima com os chamados “folhetos” da época, trazidos pelos portugueses.

A história das revistas no Brasil, bem como a da imprensa, está atrelada à da história econômica e da indústria no país. As primeiras notícias a respeito das revistas datam do século XIX, trazidas junto com a corte portuguesa. Essas revistas já chegaram aqui com o molde pronto, ou seja, com o assunto definido e as formas para serem produzidas. Eram, em geral, publicações institucionais e eruditas, que pouco se assemelhavam ao formato atual, sem caráter noticioso e definidas muitas vezes como ensaio ou folheto. (QUEIROZ, 2013, p. 4-5)

Mais tarde os avanços técnicos conquistados pela indústria gráfica possibilitaram, além de novos formatos, qualidade de impressão e melhores produções, permitiram o aumento das tiragens, o que significou a grande oportunidade para os anunciantes.

Nas duas grandes guerras, as revistas desempenharam um papel abrangente. Além do mais, eram as únicas que podiam oferecer aos seus leitores imagens nítidas dos acontecimentos relatados diariamente pelos jornais. Mas, a partir dos anos 50, uma avalanche de novas tecnologias se abateu sobre o universo da informação. Assim, as revistas tiveram de descobrir outras rotas para resistir a televisão, por exemplo, a arquiinimiga. (VILAS BOAS, 1996, p. 85)

Aqueles que buscam alternativas e melhores saídas para atingir seus clientes e vender seus produtos de modo mais lucrativo e simultaneamente eficaz enxergaram nas revistas uma bela fonte. Assim, com os anúncios financiando os custos da produção, o preço das revistas reduziu, aumentando o número de leitores, assinantes e consequentemente a tiragem e a variedade de revistas, construindo o cenário variado das produções que conhecemos hoje.

1.2 O gênero revista

As revistas são interessadas em abarcar informação, cultura, entretenimento, reportagens, entrevistas, serviços, complementar a educação, segmentar e aprofundar assuntos, entre tantos outros pontos característicos de uma produção jornalística concentrados em um só produto. Entretanto, as revistas não são capazes de carregar consigo um significado pronto, concreto e principalmente fechado.

Revistas cobrem funções sociais que estão além e aquém do reportar. Podemos caracterizá-las por recrear, trazer análise, reflexão e experiência de leitura. Concomitantemente, são capazes de promover a miséria do pensamento, erigir mitos, sustentar estereótipos e fomentar ideologias. Assim,

comportam, em relação de justaposição, tolerância e negociação, o conhecimento e a cegueira, a consciência e a incompreensão. (AZUBEL, 2012, p.1-2)

Embora seja um gênero jornalístico definido, no qual somos capazes de dissertar sobre o seu conceito,

O jornalismo de revista é um gênero consolidado, cuja expansão vai além da profusão de títulos nas bancas e chega à internet. Assim, acreditamos que as revistas têm papel relevante na esfera da comunicação de massa e se auto-produzem, através dos profissionais que nelas trabalham, com relativa autonomia. (AZUBEL, 2012, p.9)

Este gênero proporciona uma impossibilidade de conclusão de um significado único para a palavra “revista”. Isto se dá visto que, assim como as editoriais são capazes de construir variados temas para uma única publicação (gerando produções com vários assuntos subdivididos e também as especializadas), diversos são ainda os sentimentos refletidos por uma revista ao seu leitor, dificultando assim a definição única e exclusiva do conceito.

Preocupadas em garantir um visual atraente e sendo cuidadosas com cada canto e detalhe de suas páginas, as revistas podem ser informativas - aquelas as quais recorreremos em função da necessidade de aprofundar assuntos jornalísticos que já foram transmitidos em telejornais e até mesmo escritos em impressos de forma simples e sintetizada – ou como definidos por Souza (2008):

Consideram-se atualmente no Brasil, pelo menos vinte gêneros na classificação dos principais títulos em circulação: interesse geral/informação/atualidades; interesse geral/ciência; interesse geral/leitura; interesse geral/negócios; interesse geral/turismo; feminina/comportamento/beleza; feminina/jovem; feminina/moda; trabalhos manuais; feminina/pericultura; feminina/culinária; feminina/saúde; masculina; esporte/automobilismo; arquitetura, decoração; astrologia; cinema/música/TV; construção; infantil/games; informática; e outros. (SOUZA, 2008, p.9)

As revistas podem ser ainda essencialmente culturais, reunindo conteúdo específico sobre uma cidade, um grupo, uma sociedade, uma peça teatral, enfim, quaisquer aspectos que envolvam cultura. Falando sobre um único assunto, aprofundando vertentes deste tema escolhido, as revistas podem ser temáticas. Com o intuito de divulgar as ações de uma empresa, um clube, uma entidade elas podem ser utilizadas como *house organs*, ou ainda reunir organizações a fim de divulgar seus produtos, enfim, é uma variedade de formatos que compõem o gênero revista.

1.3 O jornalista de revistas

O novo caráter que o jornalismo vem adquirindo nos últimos anos com a evolução da internet e a facilitação dos meios de comunicação foi responsável pela alteração do universo jornalístico. Aquele profissional jornalista que garantia sua excelência na profissão por ter grande especialização em um ramo - seja ele redação, fotografia, edição, cinegrafia, dentre outros - hoje garante seu sucesso profissional por saber trabalhar de forma eficaz com todos os departamentos.

Podemos chamar de *jornalista multitarefa*, onde quanto menor for a sua especialização maior será a possibilidade de amplo conhecimento. Sendo assim, nota-se que o jornalista de revistas também se adequou a esse novo jornalismo, onde todas as etapas de produção de uma revista (pauta, roteiro, produção, edição, entrevista, diagramação, dentre outras) serão tarefas desempenhadas por apenas uma pessoa, que almeja esse status de profissional multitarefa.

La polivalencia es un concepto ciertamente distinto de la convergencia, aunque esta actúa como “detonante” de aquella. Conforme aumenta el nivel de convergencia de medios, al periodista se le requiere un mayor grado de polivalencia, que en parte se explica por la capacidad de la tecnología digital para disminuir tanto el grado de especialización como el número de personas necesario para manejar los equipos y sistemas de trabajo.² (SALAVERRÍA, AVILÉS, 2008, p.43).

Mais do que sair às ruas em busca de informações específicas para a produção de matérias, o jornalista de revista deve ir além. Números, dados e valores em sua maioria não satisfazem o texto que se procura em uma revista. Portanto, este jornalista deve optar por entrevistas em profundidade, através das quais ele possa extrair mais conteúdo, justamente aquele “extra” que os leitores tanto procuram em revistas.

De maneira que, o jornalista de revista – que precisa aprofundar-se no assunto, em geral, mais do que os de outras mídias – acaba por utilizar diversas vozes sociais na tentativa de compreender e explicar os acontecimentos para os leitores. Na busca da completude, o jornalismo de revista consegue ser complexo. (AZUBEL, 2012, p.11)

Além de multitarefa, esse profissional deve possuir o constante sentimento de pesquisa, podendo ser entendido também como curiosidade. Estar apto a pesquisar e conhecer sobre variados assuntos, dominar temas, conhecer seu público. Entretanto,

² A polivalência é um conceito certamente distinto de convergência, embora este atue como detonante daquele. Conforme aumenta o nível de convergência do meio, ao jornalista requer um maior grau de polivalência, que em parte se explica pela capacidade da tecnologia digital para diminuir tanto o grau de especialização como o número de pessoas necessárias para manejar os equipamentos e sistemas de trabalho. (Tradução livre)

apenas procurar ser “investigativo e interpretativo” ao mesmo tempo não bastam, o jornalista de revista deve saber ouvir seu leitor em primeira instância – garantindo o texto desejado – e principalmente ouvir cuidadosamente sua fonte, origem do conteúdo exclusivo de revistas.

1.4 O texto das revistas

De acordo com Sérgio Vilas Boas (1996), para começar a escrever um texto para revista, devemos agrupar ideias de um mesmo assunto e sentido. Em geral, são os temas com os quais cada publicação se compromete. Então, é necessário estabelecer, desde o início, uma sequência de raciocínio por meio de “ganchos”. A melhor maneira para organizar o que conhecemos como editoriais. Por fim, deve-se escolher o tom, ou seja, a linguagem mais apropriada para a matéria que vai escrever.

Genericamente, o texto de revista é considerado de maior liberdade, em termos de estilo. Sem dúvida que há certas rupturas com o jornalismo diário, muito mais preocupado com a velocidade e com a padronização do que uma interpretativa resposta aos porquês. (VILAS BOAS, 1996, p.34)

É justamente por esta ausência de responsabilidade e compromisso com a pressão do jornalismo diário que o texto das revistas consegue “se libertar”. A falta de necessidade de publicar os assuntos com instantaneidade e preocupação com o “furo jornalístico” como acontece nos jornais e especialmente na *web*, permite às revistas que interpretem mais profundamente os assuntos, trazendo detalhes e minúcias que por ventura possam ser eventualmente “esquecidos” pelo jornalismo diário.

Assim, o jornalismo de revista só é possível através da reintrodução do sujeito produtor do conhecimento. Desse modo, famosos preceitos, como objetividade, imparcialidade e isenção, soam ultrapassados, neste veículo de características interpretativas. Eles apenas existem em coexistência, política, com seus opostos. (AZUBEL, 2012 p.12)

No jornalismo de revista uma das palavras mais utilizadas em relação ao seu texto é “liberdade”, o autor tem o livre-arbítrio da escrita. “Toda reportagem de revista traz no texto, implícito ou não, uma espécie de ponto de vista, que aqui não deve ser confundido com qualquer tipo de opinião.” (VILAS BOAS, 1996, p. 21) Sendo assim, preceitos e axiomas que são tão valorizados e perseguidos no tradicional jornalismo – especialmente a objetividade –, no texto das revistas não são de extrema necessidade.

No texto de revista, o comedimento, a leveza e o domínio do jornalista/escritor sobre a narrativa são também para permitir que o leitor use

um pouco a cabeça. Por isso, às vezes é preciso mostrar, mais do que simplesmente contar; sugerir, mais do que explicar; e dizer mais do que parece ter sido dito. O texto leve é mais legível, proveitoso e intrigante. (VILAS BOAS, 1996, p. 29)

A liberdade de escrita do jornalista de revista não se restringe aos preceitos jornalísticos, o formato e o modo de escrita também contam com certo desprendimento do usual jornalismo. Neste gênero, a possibilidade de uma escrita “leve”, coloquial, interpretativa, literária, histórica, dentre tantas outras habilitações é o que garante a exclusividade e o “charme” do texto de revistas.

1.5 Revistas e outros meios

Basta olhar para uma revista para perceber sua diferença em relação aos outros veículos de comunicação vigentes, “se a televisão dá a notícia e mostra as fotos do fato, a imprensa precisa ir além e publicar muito mais, em linguagem fácil e sem cansar.” (ERBOLATO, 2004, p.20). Em sua maioria, o conteúdo informativo que compõem as pautas dos telejornais se assemelham em muito com as pautas dos impressos, ressaltando que a instantaneidade do jornalismo televisivo pode ocasionar falhas na completude da informação. “Se diferem de outros veículos principalmente pelo tratamento textual, por lidarem com fatos já divulgados pelos jornais e canais de televisão, podendo, de maneira mais analítica, fornecer um maior número de informações sobre determinado assunto.” (QUEIROZ, 2013, p.3) Portanto, se o leitor que entender melhor o assunto, quer aprofundar, ele procura a revista, a que reúne e documenta os fatos.

[...] é certo que jornais e revistas venderão muito mais no dia e na semana seguintes - eles servem para confirmar, explicar e aprofundar a história já vista na tevê e ouvida no rádio. Ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. Quem quer informações com profundidade deve, obrigatoriamente, buscá-la sem letras de forma. Jornais, folhetos, apostilas, revistas, livros, não interessa o quê: quem quer saber mais tem que ler. (SCALZO, 2004, p. 13)

Outro diferencial do gênero revista está relacionado ao seu formato. Compacta, com qualidade de impressão e papel, ela é mais fácil de carregar, seu material garante maior durabilidade, tem maior facilidade de manuseio do que os jornais e totalmente adequado para o caráter documental, pode ser em alguns casos inclusive artigo para colecionadores.

Um ponto que diferencia visivelmente a revista dos outros meios de comunicação impressa é o seu formato. Ela é fácil de carregar, de guardar, de colocar numa estante e colecionar. Não suja as mãos como os jornais, cabe na mochila e disfarçada dentro de um caderno, na hora da aula. Seu papel e impressão também garantem uma qualidade de leitura do texto e da imagem invejável. (SCALZO, 2004, p.39)

Especialmente se levarmos em consideração o estágio comunicacional em que vivemos onde o imediatismo se faz presente na publicação de notícias, mas também torna rápido o modo como elas desaparecem dos meios de comunicação. Percebe-se mais uma diferenciação vantajosa no gênero revista:

Revistas são veículos amplificadores, capazes de confirmar, explicar e aprofundar histórias já veiculadas por mídias mais imediatas. [...] reportagens assumem caráter de recuperação dos acontecimentos para construção de textos interpretativos, atravessados, em variáveis graus, pela opinião. (AZUBEL, 2012, p.2)

Portanto, pode-se classificar a revista como um veículo capaz de armazenar este conteúdo, seja inédito ou não.

1.6 Público das revistas

“A primeira regra é: não escrever para si mesmo. Principalmente no jornalismo de revistas, o leitor é alguém específico, com cara, nome e necessidades próprias.” (SCALZO, 2004, p.54) Considerando as palavras da escritora e jornalista Marília Scalzo, o leitor de revistas é definido, cada tema ou cada estilo de revista reúne um grupo de admiradores. Cabe, portanto ao jornalista reconhecer e conhecer afundo esse público, fazer a seleção das fontes, entrevistas, falas e textos sempre levando em consideração o que o seu receptor procura naquela revista, qual o motivo da leitura daquele material.

“A segunda regra decorre necessariamente da primeira: imagine-se como um prestador de serviços, alguém que dá informações corretas, e não um ideólogo ou um defensor de causas e bandeiras.” (SCALZO, 2004, p.55) Embora usufrua de certa liberdade para a produção textual das revistas, o jornalista deve sempre se ancorar nos pilares do jornalismo, portanto utilizando da imparcialidade e neutralidade na narração dos fatos. No entanto, recordando que quem deve ser agradado é o seu leitor e também produtor.

Assim, do mesmo modo como os magazines são capazes de influir na opinião dos leitores a respeito do real, as visões de mundo deles determinam pautas e abordagens, uma vez que este tipo de publicação, em geral, é voltado a públicos-alvo definidos. (AZUBEL, 2012, p.7)

Sendo assim, nota-se que o receptor de revista além de ser o público fiel do gênero, confiando e acreditando no jornalismo produzido, este é o mesmo que irá definir como será a produção do material, sendo leitores e ao mesmo tempo autores. Além disso, para ter fidelidade ao seu público alvo, o jornalista de revista deve sempre se orientar pelo seu público,

A primeira pergunta é ‘para quem estou escrevendo?’. Se você conhece o leitor, fica mais fácil. É como escrever uma carta: é difícil começar quando não se sabe para quem escreve. Texto de revista, já dissemos, tem endereço certo. (SCALZO, 2004, p.76)

Portanto, o direcionamento destas publicações deve ser enviado a um público definido.

1.7 As revistas hoje

O universo jornalístico vem crescendo e se modificando à medida que novas tecnologias transformam antigos padrões em itens obsoletos. Os gêneros jornalísticos se ampliaram, alguns em maior velocidade e efetividade ao passo que outros representam estabilização ou crescimento reduzido, como é o caso do paradoxo entre *web jornalismo* e jornalismo impresso, o imediatismo e o tradicional. Portanto, as revistas, como parte desse jornalismo em mudança não fugiriam à regra.

Sempre que aparece um novo e poderoso meio de comunicação é comum disseminar-se a ideia de que ele vai engolir todos os demais. É claro que o surgimento de novos meios e novas tecnologias provocará transformações nos que já existem, mas o certo é que eles conviverão entre si, cada um descobrindo o seu devido lugar junto ao público. (SCALZO, 2004, p.50)

A saída encontrada pelas revistas foi a rápida e eficaz tentativa de acompanhar a modernização. Desvinculadas de antigos padrões de textos, imagens e jornalismo baseado em *lead*, as revistas procuram apresentar o novo. “Atualmente, as revistas são visualmente sofisticadas, coloridas, envolventes, recheadas de imagens, com linguagem simplificada, conteúdo acessível e especializado.” (QUEIROZ, 2013, p.4) Além disso, com a variabilidade de plataformas conquistadas com os novos portais,

O texto agora [...] não se limita ao conteúdo impresso, os assuntos postados nas redes sociais como Twitter e Facebook e no site, não necessariamente são encontrados nas bancas de revistas. (GUIMARÃES; LIMA; NETO, 2013,

p.10)

Assim, o texto pode ser aprofundado na versão online.

O texto agora precisa ser escrito e adaptado para diferentes plataformas, o imediatismo e o *boom* de informações dispostas na internet fazem com que o conteúdo da revista procure ser cada vez mais chamativo e diferenciado do que já se viu online, e, além disso, a participação do público permite uma nova forma de apuração e produção de conteúdo, podendo o leitor ser a fonte e/ou o crítico da informação. (GUIMARÃES; LIMA; NETO, 2013, p.10)

As inovações não se restringem a conteúdo, as revistas hoje podem ser compradas através da internet e lidas de qualquer lugar do mundo. Ao mesmo tempo em que muitas se tornam específicas e dedicadas ao seu público e seu tema particular, elas se “generalizam” por diferentes modelos e plataformas. Competindo com outros gêneros de comunicação, talvez mais modernos como os tópicos de *web jornalismo*, as revistas não perderam sua “graciosidade”, basta se lembrar, como diria Marília Scalzo (2004), “quem nunca teve dó de jogar uma revista fora? [...] É isso, revistas são objetos queridos.”

Com estas preocupações de não escrever para si mesmo e fidelizar o público, a questão da identidade e da cultura emerge como noções importantes quando se fala em projeto, texto de revista e público.

2. A REVISTA “PRÓXIMA PARADA”

2.1 A Edição BRighton

Sendo mais detalhista do que os jornais e menos extensa do que os livros, a Edição BRighton tem como foco apresentar a cidade de *Brighon* ao sul da Inglaterra por meio de brasileiros que vivem no local. A partir de reportagens de forma ilustrativa e informativa, que retratam alguns exemplos de brasileiros que vivem fora, a revista traz vários perfis de brasileiros que optaram por morar em outro país.

Revistas, na verdade, podem ser chamadas de “supermercados culturais”. Elas refletem a cultura dos lugares, o estilo de vida, e, numa sociedade consumista como a em que vivemos, não é de se estranhar que, apesar da crise econômica, as revistas que incentivavam a febre pelas compras estejam em alta e representem uma tendência significativa do mercado editorial. (SCALZO, 2004, p.45)

Funcionando como um “supermercado cultural” a Edição BRighton traz, a partir de exemplos, a importância da realização de um intercâmbio, como os intercambistas vêem essa oportunidade, quais as dicas e sugestões para os que desejam fazer o mesmo e, especialmente, a edição da revista trata de cultura. A partir das histórias dos entrevistados é possível notar os tipos de adaptação à cidade em destaque, a busca por um projeto identificado com os públicos e seus espaços culturais, as dificuldades e desafios em se viver em uma cultura diferente e ainda as vantagens dessa aventura.

A revista ainda pode ser classificada como uma espécie de guia, uma forma de orientação para o brasileiro que vive no Brasil, mas que se interessa em fazer viagens internacionais, conhecer lugares, povos e culturas, ou universitários e estudantes em geral que desejam estudar em colégios, universidades ou escolas de idiomas britânicas, ou até mesmo leitores que escolhem outro país para ser o seu novo lar.

Este roteiro foi consolidado por meio de reportagens trazendo guias gastronômicos e hoteleiros produzidos através de visitas aos próprios estabelecimentos e entrevistas com os donos, uma descrição topográfica – “o jornalista se movimenta e os objetos permanecem parados. É como se ele andasse pela cidade ou por uma estrada, observando os locais” (ERBOLATO, 2004, p.109) – que garanta a produção de uma cena na cabeça do leitor, que será capaz de antecipar conhecimentos e agregar dicas para uma futura viagem.

Nas páginas, entre imagens da cidade e um grande número de informações, a Edição BRighton contou com uma produção na qual a repórter esteve presente nos ambientes de pesquisa, em contato direto com as fontes. Sendo assim, a Edição BRighton é um espaço para a transmissão de cultura e conhecimento e simultaneamente

uma oportunidade pessoal de garantir uma memória desta excelente e única oportunidade de crescimento. O principal está na contribuição e no compartilhamento de todos esses ganhos com os demais, em trazer essa experiência cultural em forma de produto.

2.1.1 O texto da Edição BRighton

Considerando a grande imersão na produção desta revista que lida em vários momentos com o objeto estudado, nos baseamos no jornalismo diversional, no qual a autora esteve envolvida no ambiente de estudo, de modo a aprender e observar os contextos, espaços e comportamentos dos entrevistados.

No Jornalismo Diversional, o repórter procura viver o ambiente e os problemas dos envolvidos na história, mas não pode se limitar às entrevistas superficiais e sim ‘descobrir sentimentos, anotar diálogos, inventariar detalhes, observar tudo e fazer-se presente em certos momentos reveladores. (ERBOLATO, 2004, p.44)

A fim de melhor descrever e contar acerca do espaço em que a repórter se inseriu, utilizei a descrição topográfica proposta por Erbolato, onde

O jornalista se movimenta e os obstáculos permanecem parados. É como se ele andasse pela cidade ou por uma estrada, observando os locais. O mais importante é a massa (conjunto de coisa que vê e mais lhe chama a atenção. Tudo será descrito com luz e cores, que passam a ser secundárias. Se o estilo pictórico corresponde a uma fotografia, o topográfico poderia ser comparado a um mapa em relevo. É uma descrição livre e subjetiva, muito usada para roteiros turísticos. Seu nome deriva do topógrafo, que vai andando pelo terreno, realizando a descrição dos acidentes. (ERBOLATO, 2004, p.109)

Sendo assim, a descrição do ambiente em que a autora esteve envolvida ocorreu por meio de uma espécie de “diário pessoal”, no qual todos os detalhes do espaço, caminho, ações e tarefas realizadas foram narradas.

Nas reportagens, tanto de revistas quanto de jornais, a narrativa em primeira pessoa é raramente encontrada, As exceções se concentram em cadernos de turismo e cultura, nos quais o jornalista costuma narrar suas experiências e fornecer ao leitor o in loco de viagens de percepções captadas em cinemas, teatros, shows, literatura de ficção etc. O jornalista transcende o papel de narrador e se transforma também em personagem. Em muitos casos, é a própria notícia. (VILAS BOAS, 1996 p. 92)

“A operação de articular, reunir e dispor, de estabelecer uma história que combine acontecimentos e ações numa dada organização temporal produzindo uma unidade significativa, caracteriza uma compreensão basilar de narrativa [...]” (MENDES; SILVEIRA; TAVARES, 2014, p.92) Considerando que grande parte das matérias narrativo-históricas que compõem a edição da “Revista Próxima Parada”, percebe-se que elas criam uma memória a partir de uma sequência lógica de fatos que são capazes de conquistar o leitor e o deixar imerso na narrativa.

Além disso, há que se considerar as demais reportagens que compõem o produto, estas seguiram o padrão característico do texto em revistas, que de qualquer forma ainda segue o estilo jornalístico tradicional. “O texto para uma revista também segue os padrões jornalísticos, mas isto não impede que palavras, frases e períodos tenham um ‘rebolado’ diferente.” (VILAS BOAS, 1996, p.18) Desta forma, percebemos que há certa liberdade e abertura para a construção das informações no conteúdo de uma revista, como é percebido nesta edição.

2.1.2 Diagramação da Edição BRighton

Além da produção de textos de forma sintática e semanticamente adequada de maneira a chamar a atenção do leitor, a disposição deste conteúdo nas páginas de uma revista ou qualquer outro tipo de publicação também é um critério relevante para que seja considerada uma produção de qualidade.

A presença de imagens complementando o conteúdo informativo de uma reportagem jornalística é tarefa essencial. Elas são responsáveis por “quebrar” o texto, ilustrar o fato ou o acontecimento na cabeça do leitor, promover uma página mais “leve” e ao mesmo tempo atrativa, um convite ao leitor. No entanto, não basta apenas acrescentar a foto à página, é necessário seguir alguns passos e princípios que transformam e aperfeiçoam a disposição do conteúdo.

“Segundo o princípio da proximidade, itens relacionados entre si devem ser agrupados e aproximados uns dos outros, para que sejam vistos como um conjunto coeso e não como um emaranhado de partes sem ligação.” (WILLIAMS, 1995, p. 15) Dessa forma, as imagens que se referiam a um mesmo assunto foram posicionadas com o intuito de serem entendidas como um mesmo grupo, sempre colocadas com certa proximidade.

Considerando que o propósito básico da proximidade é o de organizar, não

apenas imagens ligadas, mas texto e imagem posicionados estrategicamente de modo próximo criam sentido e coesão na página. D o simples agrupamento de elementos relacionados em proximidade cria, automaticamente, uma organização. Portanto, “Quando vários itens estiverem próximos, eles formarão uma unidade visual e não várias unidades individuais. Os itens relacionados entre si devem ser agrupados.” (WILLIAMS, 1995, p.26)

Com o objetivo de unificar e organizar a página, ao realizar a diagramação da “Revista Próxima Parada” outro princípio básico do *design* sugerido por Robin Williams foi o alinhamento.

Quando os itens são alinhados na página, há uma unidade coesa, mais forte. Mesmo quando os elementos estiverem fisicamente separados uns dos outros, se estiverem alinhados, haverá uma linha invisível conectando-os, tanto em relação aos seus olhos quanto a sua mente. (WILLIAMS, 1995, p. 27)

A principal utilização deste princípio ocorreu quando foram posicionados o texto, o subtítulo e o título de cada matéria. Seguindo um padrão de texto em três colunas alinhadas de modo uniforme e os títulos e subtítulos repetindo a centralização da página. De modo que “nada deve ser colocado arbitrariamente em uma página. Cada item deve ter uma conexão visual com algo na página.” (WILLIAMS, 1995, p. 27), portanto, via-se a conexão e fácil legibilidade do conteúdo textual.

“O princípio da repetição afirma que algum aspecto do design deve repetir-se no material inteiro. [...] Pode ser qualquer item que o leitor reconheça visualmente.” (WILLIAMS, 1995, p. 43) Este princípio se fez presente ao analisarmos a cor predominante escolhida para os *boxes* (amarelo claro ou tons de amarelo), ainda a repetição nas cores dos títulos e/ou subtítulos, remetendo sempre às cores da bandeira do Reino Unido (azul e vermelho principalmente) Outra repetição aconteceu nos tamanhos escolhidos para as fotos, que se coincidiavam sempre em três dimensões, padrões de: pequena, média e grande. Percebe-se, a repetição de cores ou elementos visuais no *design* é capaz de unificar e fortalecer o material trabalhado.

Concluindo o processo de diagramação, o princípio utilizado para uma melhor disposição de imagens e textos foi o contraste.

O contraste é uma das maneiras mais eficazes de acrescentar algum atrativo visual a uma página (algo que realmente faça com que uma pessoa queira olhar pra ela), criando uma hierarquia organizacional entre diferentes elementos. (WILLIAMS, 1995, p. 53)

A adequação ao princípio do contraste foi pensada a partir da utilização de quadros explicativos e *boxes* com cores diferenciadas, com o intuito de criar interesse sobre uma página e auxiliar na organização das informações.

2.1.3 O público da Edição BRighton

O principal ponto de partida para a produção desta revista está na definição do público, visto que uma das primeiras afirmações em que pesquisamos dizia que quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor ou ainda a máxima de que só se consegue falar bem aquele que fala para poucos. Sendo assim, percebe-se que nas revistas existe um público definido, fechado, o qual o autor se preocupa em atingí-lo e principalmente em agradá-lo.

[...] na televisão, fala-se para um imenso estádio de futebol, onde não se distinguem rostos na multidão; no jornal, fala-se para um grande teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na plateia; já numa revista semanal de informação, o teatro é menor, a plateia é selecionada, você tem uma ideia melhor do grupo, ainda que não consiga identificar um por um. (SCALZO, 2004, p.14-15)

Portanto, com o público da “Revista Próxima Parada” não foi diferente. O questionário³ ajudou a definir o grupo para o qual escrevi. A partir das respostas pude aprofundar ainda mais as informações para o público definido. O objetivo foi atingir como leitores: estudantes, professores e todos aqueles que se interessem por intercâmbio, viagens, conhecer novos locais e culturas ou mesmo morar no exterior.

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá a sensação de pertencer a um determinado grupo. (SCALZO, 2004, p.12)

Com a publicação da Edição BRighton, atentando sempre para as escolhas e opções feitas por possíveis leitores durante a aplicação do questionário, a preocupação foi aproximar o conteúdo dos receptores, de modo que fiquem explícitas e claras as informações esperadas pelos leitores. Deste modo, a conquista do público-alvo pode resultar na formação de um grupo específico de leitores interessados na temática cultural.

2.2 Temática – Identidade

2.2.1 Evoluções de sujeito

³ Questionário completo em “Anexos”

Com a evolução da sociedade e seus meios midiáticos, os receptores da informação e componentes desse espaço não acompanharam os aspectos das mudanças de modo isolado, pelo contrário, os sujeitos vêm se transformando ao longo dos tempos.

O início se deu com o sujeito do iluminismo. Sua personalidade era vista como um ser centrado, unificado, consciente, ativo e além de ser racional. Este indivíduo era dotado de um centro, “núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou ‘idêntico’ a ele — ao longo da existência do indivíduo.” (HALL, 2006, p.02) Nota-se assim um único sujeito que se permanece constante e imutável em relação aos meios que o cercam.

Outra concepção de sujeito pode ser entendida como sociológico, sendo que agora o seu núcleo interior deixa de ser considerado como auto-suficiente ou ainda autônomo. A formação deste sujeito ocorre a partir de seu interior, como era com o sujeito do iluminismo, porém, “era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p.02), ou seja, o sujeito se constrói a partir da observação, do contato e da interação com a sociedade, se modificando assim a partir do mundo exterior. Como foi percebido na produção da revista, os brasileiros que se entendiam como tal a partir do contato e da aproximação com outras culturas.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2003, p. 29)

Notei que o sujeito inicialmente se comportava de modo estável, era único e sofria pouca ou nenhuma intervenção do meio em que vivia, suas concepções eram únicas, estáveis e imutáveis. Entretanto ele está se fragmentando;

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2006, p.01)

Sendo composto portanto, não de uma única, mas de várias identidades, sejam elas de uma única cultura ou formadas pela conexão e/ou cruzamento entre elas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2006, p.01)

Conseqüentemente e resultante deste processo de transformação, encontramos hoje o sujeito pós-moderno, reconhecido e entendido por não ser possuidor de uma identidade única e permanente. Essa identidade se constrói a partir do outro, do meio e especialmente dos sistemas culturais que os rodeiam, como o caso dos brasileiros entrevistados na “Revista Próxima Parada” que se identificaram como tais e entenderam a cultura britânica a partir do contato com identidades. De acordo com Hall, esta identidade é “definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (HALL, 2006, p.02) Entende-se assim que uma identidade plenamente segura, coerente, unificada e completa é algo utópico em dias atuais, considerando a notável influência do meio na construção do sujeito.

2.2.2 Características do sujeito atual

Perante as modificações tecnológicas e sociais evidentes no século XXI, percebemos que os sujeitos foram então, se transformando, ganhando novas concepções e definições. Nota-se que o indivíduo hoje passou a ser visto como mais localizado em seus conceitos e em alguns momentos "definido" no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna.

Stuart Hall acredita que

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. (HALL, 2006, p. 09)

O que significa que o indivíduo não necessariamente se mantém fixo em seu local de nascimento, espaço considerado como seu ambiente de referência, de segurança e certezas, prova disso está nas histórias dos brasileiros na Edição BRighton. O costume e a tradição de se manter em seu centro, de se fixar em uma cultura foram sendo

substituídos por um contato com o novo, pela transmissão de culturas.

Talvez uma das razões que expliquem o “isolamento” do indivíduo do passado seja em função da precariedade e escassez dos recursos facilitadores de transmissão de informação e conteúdos. Além disso, a notável dificuldade de acesso a meios de transportes que permitissem o contato com novas culturas, a troca de informação, o ganho de novos conhecimentos e a transmissão de “identidades” produzia um indivíduo fechado em seu local, com seus costumes.

Entretanto, o sujeito hoje não se restringe ao seu local, “em qualquer caso, as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos.” (HALL, 2006, p. 35-36) Os indivíduos hoje vêm formando sua identidade ao longo do tempo, a partir de intervenções do espaço em que vive e ainda dos espaços distantes, seja pela transmissão midiática dos costumes de um país distante, ou pelo próprio contato físico com o local.

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaços-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. (HALL, 2006, p.36)

Em contraposição a segregação e a divisão cultural existente no passado, atualmente o processo de globalização em consonância com outros eventos criaram “espaços globais” e acabaram por diminuir e reduzir as relações de cultura ligadas a um espaço físico específico e único. As consequências desta desagregação e expansão dos ambientes vão além de cultura e são capazes de reconstruir identidades.

2.2.3 Identidade do sujeito

Para tentarmos compreender a identidade cultural de um indivíduo, o primeiro passo é analisar o conceito de identidade.

A identidade é compreendida não como algo que deva ser relevado, antes, é algo a ser produzido, inclusive, ativamente produzido, na medida em que o eu é visto como um projeto reflexivo, pelo o qual ele (o próprio indivíduo) é responsável. (MENDES; SILVEIRA; TAVARES, 2014, p.91)

Sendo o próprio sujeito o responsável pela produção de sua identidade, nota-se que a influência externa e a recepção deste indivíduo com relação a essa influência são os

principais fatores que contribuem para um produto “final”.

Entretanto, não podemos dizer que essa identidade é de fato um produto final. Isto acontece, pois “a ‘identidade’ emerge, não tanto de um centro interior, de um ‘eu’ verdadeiro e único, mas do diálogo entre os conceitos, definições e práticas que são representadas para nós pelos discursos de uma cultura [...]” (MENDES; SILVEIRA; TAVARES, 2014, p.93). Sendo assim, a partir destes diálogos e encontros, o indivíduo irá moldando suas características, tópicos que serão alterados a cada momento, especialmente a cada experiência vivenciada.

Criamos uma espécie de identidade logo em nosso nascimento, sabemos qual país, cidade e região pertencemos e, portanto, somos aptos a dizer nossa origem e nossa identidade. Entretanto,

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada — como um conjunto de significados — pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos — um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2006, p.13)

Percebe-se que a identidade de uma nação é formada a partir de características e costumes que fazem referência e fazem sentido àquele povo. Ser brasileiro, por exemplo, é participar de uma ideia de nação com seus costumes particulares, assim como ser inglês ou qualquer outra nacionalidade.

Além das influências externas e do meio no processo de construção da identidade, o sujeito sofre interferências de outras identidades ou nacionalidades já fixadas. A partir do encontro e do cruzamento de culturas, as identidades podem ser complementadas e modificadas.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas"— como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens — entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. Na medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2006, p.20)

A partir do momento em que ocorre a conexão e o contato entre culturas, as características de cada uma delas passam a ser características comuns, partilhadas. Ao mesmo momento em que um indivíduo reconheça sua identidade a partir da observação

e contato com uma identidade diferente, ou seja, ele se reconhece brasileiro porque vê um inglês, esse indivíduo é capaz de atribuir e anexar costumes da cultura com a qual teve ou mantém contato. Sendo assim, as culturas deixam de ser conteúdos únicos e enraizados, pelo contrário, elas se tornam compartilhadas modificando e acrescentando a identidade dos sujeitos.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas —desalojadas —de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (HALL, 2006, p.20)

Percebe-se assim que em todos os espaços estão emergindo identidades culturais que não são fixas e definidas, mas que estão em constante acréscimo e complemento, uma transição entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses cruzamentos e agregações culturais, estas que são cada vez mais comuns num mundo globalizado vivenciado por este indivíduo. Portanto, a identidade do sujeito atual pode ser considerada como incompleta, mixada e em constante construção.

“Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. E mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’”. (HALL, 2006, p.21) Pode-se dizer que a globalização e o atual estágio em que a sociedade vive acaba por criar identidades compartilhadas, ou identidades globais.

3.RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pré - produção

A fim de estudar e obter conhecimentos sobre o gênero revista, a primeira etapa deste trabalho de conclusão de curso foi composta de intensa pesquisa. Considerando o interesse da autora por estudar com maior propriedade e por meio de uma apuração imersiva no texto, na produção e no estilo das revistas - tópicos não estudados com profundidade durante a graduação - a primeira etapa de pesquisa iniciou-se concomitante à produção do projeto. Sendo assim, a primeira busca se deu por meio de resgate dos trabalhos de conclusão já apresentados no curso, nos quais a leitura do memorial e a observação das revistas produzidas se fizeram como etapa necessária para o entendimento de como foram as pesquisas e a produção do material de forma geral.

Passada esta primeira busca, porém ainda na etapa de pesquisa, foram lidos vários livros sobre revistas. A primeira leitura foi *Jornalismo de Revista – Marília Scalzo*, constituindo a base para os posteriores estudos, trazendo conceitos simples e definições claras acerca do gênero. O segundo livro foi *Técnicas de Codificação em Jornalismo – Mário Erbolato*, por meio do qual pude entender melhor acerca do referencial teórico que foi utilizado. A terceira leitura realizada foi *O estilo Magazine, o texto em revista – Sérgio Vilas Boas*, que forneceu a oportunidade de entender minuciosamente o tipo de texto utilizado em uma revista. Outra leitura importante, dentre outras, foi *Jornalismo Cultural – Daniel Pizza*, que trouxe a noção de escrita cultural.

Buscando a atualização de teorias, a pesquisa se voltou a artigos acadêmicos que fossem publicados com datas mais recentes, visto que os livros que tratam de revista datam, em sua maioria, dos anos 2000. Sendo assim, as grandes fontes para uma segunda etapa de buscas se constituíram os portais: “Domínio Público” e “Intercom”, plataformas responsáveis por trazer atualização em relação às pesquisas atuais que envolvam o gênero revista, dentre algumas publicações utilizadas como referencial: *Jornalismo de Revista: um Olhar Complexo - Larissa Lauffer Reinhardt Azubel*, *As Transformações da Revista na Era Digital - Rackel Cardoso Santos Guimarães*, *Luciellen Souza Lima e Antônio Fausto Neto*, dentre outros artigos lidos como base.

Pensando no aspecto teórico que a revista apresenta, a terceira etapa de pesquisas se dedicou à procura de conceitos e teorias envolvendo, cultura, identidade, língua. Com indicação do orientador a principal fonte para essa pesquisa se embasou no autor Stuart Hall. Portanto, as grandes teorias e citações utilizadas são oriundas de dois livros deste autor: *A identidade cultural na pós-modernidade* e *Da diáspora*, publicações que fizeram parte da construção da teoria abordada na revista. Além disso,

outra fonte foi o livro “Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação” do Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade. Para falar especificamente sobre o *design* da revista utilizei o livro de Robin Williams “Design para quem não é designer” trazendo os princípios norteadores para a diagramação.

Outra metodologia utilizada foi a pesquisa em documentos, a princípio em documentos disponíveis na internet, tais como informações e dados sobre a cidade de Brighton. De acordo com Erbolato,

A notícia revestida de interesse humano, que mostre as dificuldades, os prazeres e a história de cada pessoa e que tenha lições a oferecer ao próximo, é a que mais leitores encontra. E é nas ruas, principalmente, que o repórter encontra a sua matéria-prima. (ERBOLATO, 2004)

Sendo assim, esta etapa se constituiu na procura por sites que continham dicas acerca de restaurantes, casas noturnas, hotéis, cafés, museus, pontos turísticos dentre outras informações através das quais pude me ambientar do espaço em que iria produzir a pesquisa antes mesmo de chegar ao local, momento em que realmente fui às ruas para a produção.

Em leitura ao livro *Metodologias de pesquisa em jornalismo* observamos a necessidade de conhecer bem e de forma aprofundada o público para qual iríamos escrever, assim, a melhor maneira encontrada de aproximação deste receptor e descoberta de seus interesses foi por meio de um questionário. Além disso, de acordo com Marília Scalzo, “a revista trata o leitor de você, fala com ele diretamente e, às vezes, com intimidade. Para fazer isso, contudo, primeiro é preciso saber ouvi-lo” (SCALZO, 2004, p.37). Portanto, o questionário foi direcionado aos estudantes com perguntas bastante diretas sobre os desafios e as dúvidas no momento de realizar um intercâmbio ou uma viagem para o exterior, atentando sempre para a cidade de *Brighton*, destino escolhido para a 1ª edição. As perguntas foram disponibilizadas em uma plataforma online própria para questionários (*Google*) com 11 perguntas ao total, das quais obtive cerca de 116 respostas, destas 100 foram contabilizadas.

Durante 30 dias o questionário esteve disponível para acesso. Finalizado esse período a etapa seguinte foi o processo de contabilização das respostas a fim de entender a opinião deste público. “Quanto às pesquisas de opinião, antes de tudo, o mais importante é definir o que se quer saber. Pesquisas não fabricam sucessos, não constroem modelos; mas podem confirmá-los.” (SCALZO, 2004, p.38) Além de outras questões, confirmamos que o meio mais interessante e oportuno para a publicação do

material seria o gênero revista, contabilizando 53 das 100 respostas ⁴ para a pergunta de qual meio de comunicação seria o ideal para a publicação do material que eu iria pesquisar. Além disso, pudemos entender o que público procurava saber sobre intercâmbio e especificamente sobre a cidade de *Brighton*, facilitando e direcionando as produções.

3.2 Produção

Sabendo os interesses do público, a segunda etapa foi a de produção do projeto experimental. A revista foi produzida por meio de entrevistas com diversas fontes que foram pesquisadas e encontradas durante a viagem, sempre procurando por brasileiros que vivem na Inglaterra, criando diversos personagens. As entrevistas foram realizadas nos estabelecimentos comerciais, escolas e até mesmo na residência dos entrevistados, com o intuito de deixá-los mais a vontade para falar. Deve ser considerado o fato de que as entrevistas foram conversas, por meio das quais pudemos extrair os conteúdos considerados de relevância informativa.

A duração da viagem foi de três meses, período coincidente com a produção das matérias. O destino foi a Inglaterra, especificamente a cidade de Brighton, ao sul do país. Além de produzir o projeto experimental, outro objetivo com a viagem era estudar e aperfeiçoar o domínio da língua inglesa. Sendo assim, os dias foram divididos a fim de cumprir ambos objetivos: estudar inglês e produzir a revista. Durante o período da manhã me dedicava às aulas de inglês, visto que estudava em uma escola de 9h30 as 12h45 e no período da tarde eu saía às ruas para as pesquisas e entrevistas. Este período foi o que mais encontrei dificuldades, pois não conhecia as pessoas da cidade e para encontrar as fontes era necessário perguntar em cada loja, escola, empresa, foi uma etapa de intensa procura, portanto, pude vivenciar de fato o trabalho de repórter ainda com o desafio de realizar as entrevistas em inglês. O momento da noite era reservado para a decupagem das entrevistas, escrita das matérias e preparação da diagramação.

O desenvolvimento das matérias ocorreu da seguinte forma:

O intercâmbio

Para a produção desta matéria o primeiro contato se deu com a Diretoria de Relações Internacionais da UFV, local em que agendei uma entrevista com Vladimir Oliveira de Faria, professor e membro da Diretoria. Com mais de 1 hora de entrevista

⁴ Respostas detalhadas em “Anexos”

gravada foram esclarecidas todas as possibilidades de intercâmbio encontradas na UFV, seja por convênios ou por meio de programas do governo. A intenção é aproximar essas questões dos estudantes que, de acordo com o próprio Vladimir, apresentam muitas dúvidas e questionamentos. Com a continuidade da revista, esta matéria teria em cada edição uma fonte diferente (especialistas em intercâmbio, agências de viagem, viajantes), porém sempre explicando o intercâmbio.

Siglas, nomes, programas, convênios... Dúvidas!

Com o intuito de complementar as possibilidades e os caminhos para a realização do intercâmbio, esta matéria foi produzida a partir de informações cedidas pela Diretoria de Relações Internacionais da UFV, por meio da pesquisa em sites para o esclarecimento dos programas e especialmente em escolas de inglês para explicar aos leitores a diferença entre as avaliações TOEFL e IELTS. A matéria ainda contou com um quadro explicativo sobre as oportunidades oferecidas pelo governo para estudar no exterior.

Esta seria uma matéria “fixa” na revista, considerando seu alto grau explicativo sobre os exames e tipos de intercâmbio. Em qualquer edição seguinte ela se encaixaria na proposta de explicar e orientar os leitores que procurem informações sobre intercâmbio e vida no exterior.

Experiência de viagem

O fato de eu ter vivenciado essa experiência não poderia se resumir a lembranças. Os aprendizados deveriam ser transformados em produto e acima de tudo compartilhados. A ideia de oferecer em detalhes as descrições do primeiro dia, das primeiras impressões foi sugestão do orientador, a qual achei extremamente interessante, principalmente se tratando do primeiro dia, período em que os intercambistas sentem mais medos e têm mais dúvidas.

Para a escrita utilizei do conceito de Mário Erbolato de descrição topográfica, onde eu, enquanto repórter me movimentava pelos aeroportos, estradas e cidades sempre observando os locais e narrando minhas impressões.

Qual roteiro seguir?

A partir de um questionário aplicado na escola ISIS em Brighton (escola em que estudei inglês durante os três meses), perguntei aos alunos quais os locais eles mais

gostaram de visitar enquanto permaneceram na cidade e quais eles sugeririam para que novos e futuros intercambistas pudessem visitar. Os sete mais votados foram os que ilustraram a matéria.

Visitei todos os locais e por meio de entrevista aos funcionários e organizadores obtive as informações de cada ponto turístico, um pouco da história, descrição do local e informações úteis como dias e horários de funcionamento e preços das entradas. Além disso, as matérias contam com fotos feitas por mim e localização para auxiliar os leitores.

Conhecendo o destino

Atendendo o objetivo de transformar a revista em um guia prático para futuros viajantes, esta matéria foi realizada em diferentes etapas. A história da cidade, além de pesquisas na internet, foi construída a partir de conversas com a família em que fiquei hospedada, sendo que eram nativos, moravam na cidade desde o nascimento e sabiam sobre sua evolução.

A seleção de restaurantes, acomodações e escolas de idiomas foi feita segundo pesquisa com estudantes, perguntando quais eles mais gostaram e indicariam. A etapa final desta matéria foi a pesquisa e a visita a cada lugar, produzindo assim o guia sobre a cidade.

Nada de feijão doce, em Brighton tem brasileiro!

Durante minhas pesquisas e entrevistas ouvi muitos intercambistas e viajantes e uma das questões em que mais eles deram destaque ao dizer sobre as dificuldades em morar fora de seu país e da sua cultura era com relação à comida da Inglaterra. Todos afirmaram sentir saudades da comida brasileira.

Sendo assim, pesquisei sobre a possibilidade de existir um restaurante brasileiro em Brighton. Apenas depois de um mês de procura encontrei a *Churrascaria Preto*. Durante uma tarde estive na churrascaria e conversei, além da gerente, com os funcionários do local, procurando entender o funcionamento, a história e as curiosidades do restaurante.

História de uma intercambista

A princípio, enquanto ainda realizava o projeto do trabalho de conclusão de curso imaginava que a fonte mais fácil a ser encontrada seria um intercambista

brasileiro que estivesse estudando inglês. Contrariando meus pensamentos, uma das fontes mais difíceis de encontrar foi o intercambista, visto que na escola em que eu estudava eu era a única brasileira.

A saída foi procurar por outras escolas de idiomas na tentativa de entrevistar brasileiros. Em outras escolas o número de estudantes brasileiros era bastante significativo, o que me permitiu realizar a entrevista com a intercambista Marina Coentro.

De seis meses para seis anos

A ideia era produzir a revista a partir de “personagens” que retratassem diferentes modos de se viver fora do Brasil, no caso, a história de brasileiros em *Brighton*. Contar sobre intercambistas e participantes do Ciência sem Fronteiras não era suficiente e não ilustrava o objetivo de retratar diferentes perfis.

Não foi simples encontrar esses brasileiros, mas em pesquisa pela cidade, andando no comércio e perguntando conheci possíveis “personagens”. Sendo assim, a matéria do Thiago Balbino foi escolhida para contar a história de um intercambista que decidiu ficar. Foi realizada a partir de uma longa entrevista que aconteceu em um primeiro momento, onde fiz a decupagem e depois nos encontramos novamente para a complementação de algumas questões.

Arriscando fora do país

O mais antigo dos moradores de Brighton foi também o que mais me forneceu informações úteis para a produção do material. O primeiro contato com o entrevistado aconteceu na sede de sua empresa, a qual descobri perguntando a outros brasileiros se eles conheciam alguma empresa cujo dono fosse brasileiro. Neste primeiro momento, apenas conversamos sobre o que seria a entrevista.

Na semana seguinte retornei a empresa com os equipamentos para a realização da entrevista. A entrevista durou uma tarde, muitas informações interessantes foram descobertas, dificultando o processo seguinte de decupagem. Além de me contar sobre sua história, João Augusto ainda contribuiu me indicando restaurantes, hotéis e pontos turísticos para a criação da parte do “guia” da revista.

Por outros caminhos, como eles chegaram lá: o Ciência Sem Fronteiras

A partir da entrevista com a Diretoria de Relações Internacionais da UFV fui

informada que um dos programas de intercâmbio mais famosos hoje é o Ciência sem Fronteiras oferecido pelo governo federal. Portanto, eu não poderia deixar de entrevistar participantes do programa que escolheram morar em *Brighton*.

A foco da matéria era explicar detalhadamente o passo a passo para participar do programa. Melhor do que explicar o funcionamento do processo era ouvir dos participantes suas experiências e dicas. Assim, visitei a casa destes brasileiros onde foi realizada a entrevista com quatro estudantes.

Vivendo fora do país aos 17 anos

Falar de intercâmbio não se restringe ao período universitário, quem deseja estudar fora do Brasil pode escolher outra época para a viagem. Portanto, o objetivo desta matéria era apresentar outra possibilidade de intercâmbio ainda no ensino médio.

Procurei diretamente em escolas de ensino médio, onde encontrei uma primeira fonte Diógenes Alencar, que me auxiliou na procura por mais fontes. Nos encontramos em uma tarde, momento em que foi realizada a entrevista com os quatro estudantes de forma simultânea, respondendo as mesmas perguntas. Na tentativa de tornar o texto mais claro e objetivo optei por uma formatação em perguntas e respostas, possibilitando ver claramente a resposta de cada estudante e encontrar possíveis dúvidas com maior facilidade.

Por que *Brighton*?

Considerando que a edição fala da cidade de *Brighton*, a melhor maneira para falar sobre a cidade e o motivo desta escolha como destino é ouvir aqueles que vivenciaram a experiência de viagem. Sendo assim, tentei ser o mais diversificada possível na escolha das fontes, atendendo a ideia de ouvir várias opiniões, de diferentes culturas. Na própria escola em que estudei inglês existiam muitos alunos de diversas nacionalidades, escolhi cada um de um país diferente para a produção da matéria.

A diagramação utilizada, foi diferente do texto feito com as demais matérias. As fotos⁵ e os depoimentos foram escolhidos a fim de facilitar o entendimento dos leitores e principalmente promover uma espécie de infográfico capaz de atrair a atenção do público.

⁵ O depoimento de Bushra Alsakkaf do Iêmen não conta com foto atendendo ao pedido da entrevistada de respeitar o uso da burca e a sua religião.

Todas as entrevistas foram gravadas em um *Gravador Powerpack 1080h* para que fosse possível a realização da etapa de escuta e produção das matérias em detalhes. Foi ouvido todo o conteúdo, decupada e entrevista na íntegra e extraídas as melhores informações para compor as matérias que foram escritas por mim previamente em documentos de *Word* simples. Ainda foram feitos registros com fotos por meio de uma câmera *Nikon D5100*, ou seja, fotografias dos entrevistados como caráter de documentação ou como ilustração, considerando a importância da imagem nas páginas cuidadosas da revista. Isso porque corrobora com Scalzo que afirma que

“Quando alguém olha para uma página de revista, a primeira coisa que vê são as fotografias. Antes de ler qualquer palavra, é a fotografia que vai prendê-lo àquela página ou não. Fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar num assunto, a entrar numa matéria. Por isso, ter fotos boas em mãos é fundamental.” (SCALZO, 2004, p.69)

Neste momento retornou ainda a pesquisa em documentos, agora sim com os materiais que foram encontrados no próprio espaço de pesquisa. Estes documentos desde jornais da cidade, propagandas nas ruas, informações na escola, telejornais, programação televisiva e a própria conversa com os moradores que contribuíram com quaisquer tipos de informações úteis para criar os personagens.

3.3 Pós - produção

Finalizadas as reportagens, a etapa seguinte foi a diagramação, ou seja, processo pelo qual acompanhamos a disposição do conteúdo da revista e cuidadas página por página da divisão entre imagens e textos. Este momento contou com a ajuda de um profissional em *Design* que conhecia melhor os tópicos técnicos do processo de diagramação.

A diagramação da revista foi pensada e baseada no livro de Robin Williams “*Design para quem não é designer.*” Para a melhor distribuição entre imagens e textos nas páginas da revista, optamos por seguir os quatro princípios básicos do design sugeridos por Robin Williams: proximidade, alinhamento, repetição e contraste.

Pudemos criar, produzir e dirigir a revista e o profissional auxiliou operando o *software* enquanto nós acompanhávamos inicialmente a partir de reuniões via *Skype* e e-mail. Considerando que o processo de diagramação começou ainda enquanto eu estava em viagem, a dinâmica ocorreu da seguinte forma: finalizado o texto e selecionadas as fotos para cada matéria eu criava uma “boneca” da revista dando uma ideia de eu como imaginava a disposição do conteúdo e enviava para Anderson Raphael, profissional que

me auxiliou na finalização do produto. Com o meu retorno ao Brasil, as reuniões passaram a ser presenciais, tanto com o diagramador da revista como com o orientador para os ajustes finais.

3.4 Finalização

Finalmente veio a produção deste memorial, como forma de relatar todo o processo de pesquisa, apuração e produção condensadas em um documento que se responsabilizou essencialmente a contextualizar a minha revista. Embora as pesquisas e leituras tenham ocorrido em sua maioria ainda antes da viagem (meses de Maio, Junho e Julho), a escrita começou ainda simultânea a produção das matérias, porém, a maior proporção de escrita ocorreu após a finalização da revista, a partir de reuniões e acompanhamento do orientador.

Finalizado o memorial e os processos de correção e ajustes da diagramação da revista, o trabalho se voltou para as gráficas, onde fiz impressões testes, experimentando e confirmando questões de fontes, fotos, disposições do conteúdo em geral, papel e outros detalhes observáveis apenas após a impressão. Impressas as revistas, os detalhes e erros foram corrigidos mediante reuniões com o orientador e então fiz a impressão final que foi enviada à banca com antecedência ao dia de defesa do trabalho de conclusão de curso, encerrando este ciclo de produção com a apresentação do material e as correções e sugestões observadas pela banca.

3.5 Descrição do produto

Número de páginas: 43

Formato: A4 (21 cm x 29,7cm)

Papel: Couchê 150 gramas

Ano: 1 – 2014

Edição: 1ª edição

Periodicidade: Essa revista foi pensada para ser publicada bimestralmente. Desse modo, a cada dois meses a temática da revista seria preenchida por um novo destino. A primeira edição começa com a cidade de Brighton e futuramente outra edição traria informações e conteúdos sobre qualquer cidade do mundo, sempre com o intuito de apresentação do local e esclarecimentos acerca de dúvidas dos leitores.

3.6 Orçamento

Descrição	Valor
Passagens ônibus/metrô para as	R\$105,00

entrevistas	
Impressões na fase de produção	R\$ 75,00
Impressões das revistas	R\$ 505,00
Impressões dos memoriais	R\$ 30,00
TOTAL	R\$ 715,00

3.7 Equipamentos

Quantidade	Descrição
01	Gravador de voz <i>Powerpack 1080h</i>
01	Câmera <i>Nikon D5100</i>
01	Computador <i>Sony VGN-NW210AE</i>

3.8 Cronograma

Atividade	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.
Pesquisa do tema	X	X							
Pesquisa bibliográfica	X	X							
Redefinição do tema		X							
Pesquisa de TCC's		X							
Pesquisa bibliográfica			X	X	X	X			
Produção do projeto de pesquisa		X	X	X					
Correção do projeto de pesquisa					X				
Elaboração de pautas para a revista			X	X	X				
Entrevistas					X	X	X	X	
Redação das reportagens					X	X	X	X	
Produção do memorial				X	X	X	X	X	X
Diagramação						X	X	X	X
Ajustes gráficos									X
Defesa do TCC									X

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 Considerações teóricas

Ao observarmos a história da imprensa, em especial a que se dedica a registrar a trajetória das revistas, percebemos que, desde a sua gênese até a atualidade, este veículo de comunicação aborda os principais acontecimentos ocorridos no cotidiano de cada época. Sua evolução na maneira de tratamento do discurso, no formato e na segmentação é perceptível.

Hoje as revistas se tornaram objetos queridos. As razões podem ser encontradas ao considerarmos desde o material com o qual elas são produzidas até o seu próprio conteúdo. Suas páginas coloridas, bem diagramadas, cuidadas em cada detalhe refletem a atenção e o cuidado dispensados a sua produção. A leveza e a liberdade de construção do texto trazem prazer ao trabalho do jornalista e curiosidade e fidelidade para o leitor.

Ainda falando em evolução, percebemos que o efeito geral dos processos globais alcançados hoje tem sido a transformação das características do sujeito e o enfraquecimento das formas nacionais de identidade cultural. Portanto, existem evidências de um afrouxamento das identificações com a cultura nacional dos sujeitos, e ao mesmo tempo um reforço de outros laços culturais, com outros povos. As identidades nacionais permanecem fortes, entretanto as identidades se refletem naquelas ao seu entorno, se cruzam e se complementam. Deste modo, as identificações "globais" crescentes no período moderno começam a deslocar e, até mesmo, a apagar, as identidades nacionais únicas e fixadas.

4.2 Considerações pessoais

Quando optei por realizar o intercâmbio na mesma época de produção do Trabalho de Conclusão de Curso já tinha em mente que estava tomando uma decisão importante, visto que o último período é um momento que demanda intensa dedicação e pesquisa do aluno.

Sendo assim, imaginava que seria um trabalho intenso. De fato, não foi diferente do que eu esperava no quesito dedicação e trabalho, mas foi muito diferente do que eu julgava ser um Trabalho de Conclusão de Curso. Ao optar pela produção da revista senti que fiz a melhor escolha dentre as quais eu tinha a oportunidade. Pude aprender muito sobre o gênero, o que eu não havia estudado durante a graduação, lendo autores famosos e respeitados pude ainda aprender sobre cultura, identidade e perceber como realmente o mundo está em transição.

Com a escolha da revista tive a oportunidade de vivenciar o jornalismo de perto, passei por todas as funções que um jornalista pode exercer, da entrevista, foto, produção, edição até a diagramação, tive a certeza que o curso estudado durante estes quatro anos foi de fato a escolha certa em minha vida. O enorme desejo de produzir um material de qualidade, que de fato fosse útil para o público que pesquisei ser o público da revista, transformou o trabalho em uma meta prazerosa. Nem mesmo a dificuldade de comunicação e a elaboração de entrevistas em outro idioma foram empecilhos durante o desenvolvimento do projeto.

Eu abri a porta e dei de cara com o mundo. Foram três meses de intercâmbio. Tempo suficiente para eu me surpreender com o mundo, com as pessoas e comigo mesma, pois não imaginava que eu seria capaz de realizar um trabalho jornalístico de tamanha dimensão em outro continente, em outra língua e produzindo tudo sozinha. Percebi que o mundo é sim muito grande, muito além do que imaginava em quesito físico. Porém, no quesito desafio digo que o mundo é pequeno, pude conhecer vários países, culturas e descobrir que eles estão ao nosso lado, basta querer alcançá-los.

Conheci pessoas de países que eu nunca havia ouvido falar sobre, considerando a rotatividade de pessoas e culturas era enorme, por isso descobri o quão é importante deixar um sorriso para cada pessoa conhecida, mesmo que você tenha a certeza que nunca mais a verá! Aprendi a respeitar culturas, entender cada pessoa e ver que cada uma delas, em cada parte do mundo carrega uma virtude diferente.

Fazer um intercâmbio não é apenas viajar e descobrir culturas, lugares e idiomas novos, é descobrir o quanto ainda existem pessoas boas no mundo, como elas estão dispostas a te ajudar e principalmente se descobrir. Hoje sei que meu mundo vai muito além de Três Corações e Viçosa! Agora eu sei que eu sempre posso ir além, foi uma eternidade em três meses contados!

Essa eternidade e todas essas descobertas eu tenho certeza que só tiveram o resultado dessa dimensão porque eu tinha uma meta comigo. Eu só consegui aprender tudo o que eu queria e muito além do que eu imaginava porque eu tinha um objetivo, um objetivo de conhecer a cultura e a cidade de *Brighton* para produzir a revista. As entrevistas e as pesquisas, os momentos em que saí às ruas me possibilitaram aprender e confiar naquilo em que fazia.

Eu não poderia deixar de compartilhar tudo o que aprendi e vivi com as pessoas aqui no Brasil, principalmente com aqueles em que me senti comprometida a apresentar

o que elas queriam ler: o meu público. Hoje entrego muito mais que uma revista, entrego o resultado de um sonho, de um enorme aprendizado em forma de produto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Jornalismo de Revista: um Olhar Complexo.**
Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0344-1.pdf>>

>Acessado em 21 de maio de 2014.

CARVALHO, Alessandra Pinto de; PROCÓPIO, Analine Molinário; ROSÁRIO, Isabella Oreiro Tarrela do. **Banco de Dados e Numeralha: como leitor analisa esse tipo de texto?** Disponível em:<

<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1082-1.pdf>> Acessado em 29 de maio.

Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. Acessado em 25 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.aip.ufv.br/includes/convenios/index.php>>

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo.** 5ª edição. São Paulo: Ática, 2004.

GUIMARÃES, Rackel Cardoso Santos; LIMA Luciellen Souza; NETO Antônio Fausto. **As Transformações da Revista na Era Digital.** Disponível em:<
<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0925-1.pdf>> Acessado em 06 de junho de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª Edição. Editora DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais.** Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MENDES, A. M, ET AL. **Trajetórias, conceitos e pesquisa em comunicação.** Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade (GRIS). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2004.

QUEIROZ, Poliana. **De Nacionais a Regionais: História, Conceitos e Especificidades das Revistas.** Disponível em:<
<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0936-1.pdf>> Acessado em 07 de junho de 2014.

SALAVERRIA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo.** Trípodos, n.

23, p. 31-47, 2008. Acessado em 23 de junho de 2014, Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/5071>>

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Amanda Castro de. **Traços da representação feminina na mídia: estudo de caso das capas da revista Marie Claire**. Disponível em:

<http://pt.slideshare.net/cassiabarbosa96742/traos-da-representao-feminina-na-mdia-estudo-de-caso>. Acessado em 13 de julho de 2014.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine - texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer**. Noções básicas de planejamento visual. 8ª edição. São Paulo: Callis, 1995.

6. ANEXOS

6.1 Questionário

Quer conhecer a Inglaterra?

Questionário elaborado para a produção de uma Revista Especializada como caráter avaliativo de Trabalho de Conclusão de Curso

1. Sexo

- Feminino
 Masculino

2. Idade

- Até 15 anos
 16 a 20 anos
 21 a 25 anos
 26 a 30 anos
 Acima de 30 anos

3. Você sabe onde fica essa roda gigante?

- Sim
 Não



4. Quando ouve a palavra Inglaterra o que vem a sua cabeça? E ingleses?

5. Tem vontade de fazer intercâmbio?

- Sim
 Não

6. Se sim, para onde gostaria de ir e o que gostaria de fazer?

7. Por que fazer ou não um intercâmbio?

8. Já ouviu falar sobre Brighton? Se sim, o que sabe sobre?

9. Principais dificuldades ao realizar um intercâmbio

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Língua | <input type="checkbox"/> Cursos |
| <input type="checkbox"/> Cultura | <input type="checkbox"/> Confiança na agência de viagem |
| <input type="checkbox"/> Alimentação | <input type="checkbox"/> Saudade da família |
| <input type="checkbox"/> Clima | <input type="checkbox"/> Insegurança |
| <input type="checkbox"/> Falta de informação | |

10. O que gostaria de saber sobre intercâmbio em Brighton - Inglaterra?

- Até 15 anos
- Cultura Moeda
- Compras Escolas/ Universidades
- Idioma Clima
- Programas de Intercâmbio Emprego
- Custo da viagem Opções de lazer
- Alimentação Baladas/bares
- Museus Acomodação
- Custo de vida Hospitalidade
- Transportes

11. Qual seria a melhor forma de reunir essas informações desconhecidas?

- Jornal
- Panfleto
- Livro
- Cartaz
- Revista

6.2 Tabulação dos resultados dos questionários

Total: 116

Contabilizados: 100

1. Idade

Até 15 anos: 2

16 a 20 anos: 36

21 a 25 anos: 46

26 a 30 anos: 8

Acima de 30 anos: 08

2. Você sabe onde fica essa roda gigante?

Sim: 46

Não: 54

3. Já ouviu falar em “Brighton”?

Sim: 33

Não: 67

4. Tem vontade de fazer intercâmbio?

Sim: 91

Não: 08

5. Se sim, para onde gostaria?

Europa: 53

Estados Unidos: 29

Austrália: 06

Canadá: 06

África: 03

Japão: 02

Uruguai: 01

6. Por que fazer intercâmbio?

Novas culturas: 40

Crescimento: 24

Experiência: 14

Currículo: 11

Língua: 11

7. O que te vem à mente quando ouve as palavras “Inglaterra” e “ingleses”?

Realeza: 20

Londres/Big Bem/Cabine Telefônica: 18

Frio: 12

Frieza: 11

Pontualidade: 09

Chá: 08

Saudade: 04

Educação: 06

Bandas/Beatles: 04

Guarda/Soldado: 03

Libra: 03

Pubs: 03

Calculistas: 01

Revolução Industrial: 01

8. Quais você considera que sejam as maiores dificuldades em um intercâmbio?

Perguntas respondidas em ordem de importância

Falta de informação: 32

Idioma: 32

Insegurança: 29

Saudades: 19

Cultura: 13

Clima: 12
Confiança: 12
Alimentação: 08
Dinheiro: 05
Integração: 01

9. O que gostaria de saber sobre intercâmbio?

Programas: 60
Escolas/Universidades: 60
Cultura: 40
Moedas: 29
Hospitalidades: 25
Valores/Custos: 25
Acomodação: 23
Custo de vida: 23
Idioma: 22
Clima: 19
Alimentação: 17
Transporte: 12
Opções de lazer: 14
Baladas/Bares: 11
Emprego: 09
Compras: 08
Museus: 08

10. Qual meio de comunicação você sugere para reunir essas informações?

Revista: 53
Panfleto: 25
Jornal: 12
Cartaz: 05
Livro: 05